

NOTAS ECONÓMICAS

NÚMERO 6 / Dezembro '95 / PREÇO 1.500\$00 / ISSN: 0872-4733

6

REVISTA DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GIACOMO BECATTINI / ENZO RULLANI SISTEMA LOCAL E MERCADO GLOBAL

ANTONIO VÁZQUEZ-BARQUERO EVOLUÇÃO RECENTE DA POLÍTICA REGIONAL

ANTÓNIO BRANDÃO / ADELINO FORTUNATO CONCORRÊNCIA MULTIMERCADOS E COMÉRCIO INTERNACIONAL

MARIA CLARA MURTEIRA TEORIA DO CICLO DE VIDA E FINANCIAMENTO DAS REFORMAS

DESMOND McNEILL ECONOMIC APPROACHES TO THE STUDY OF CONSUMPTION

JOSÉ REIS ECONOMIA CONSTITUCIONAL, ESTADO E INSTITUIÇÕES

JOÃO CRAVINHO INFLAÇÃO, ESTABILIDADE CAMBIAL E POLÍTICA MONETÁRIA

DOUTORAMENTO HONORIS CAUSA DE **FERNANDO HENRIQUE CARDOSO**



eficiência de equilíbrios estáticos supostamente atingidos em regimes de igualdade de oportunidades, resultantes de uma distribuição tão equitativa como generosa da racionalidade e da informação.

Neste ponto, e neste combate, estamos de acordo com os austríacos (com Hayek?) e com José Manuel Moreira. Estamos igualmente de acordo no que se refere à sua modernidade, e à linha de fronteira em que virá a constituir-se.

Daniel Bessa

Baumol, William; Blackman, Sue Anne Batey e Wolff, Edward N. (1991)

Productivity and American Leadership: The Long View, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 395 p.

Este livro teve por origem o dia em que o Presidente do *Committee for Economic Development* (CED) dos Estados Unidos da América pediu a William Baumol, professor de economia da Universidade de Princeton (decorria então o ano de 1983), que preparasse um estudo sobre a política de produtividade para os EUA.

Por sentir que tinha as qualidades exigidas pelo CED – ser um académico cuja “ignorância” permitiria realizar um estudo que não se limitasse a recapitular as doutrinas estabelecidas – Baumol aceitou o cargo.

Baumol e os seus colaboradores, Blackman (da Universidade de Princeton) e Wolff (da Universidade de Nova Iorque), iniciaram então um longo trabalho que resultou na publicação de um assinalável rol de livros e artigos, juntando-se a autores como Moses Abramovitz, Robert Barro ou Bradford de Long, entre outros, no debate sobre a hipótese da convergência dos níveis de produtividade.

É conveniente recordar que este convite foi formulado a Baumol três anos após a *American Economic Association* e o *Journal of Economic Literature* terem contribuído para o reinício do debate sobre a problemática da convergência dos níveis de produtividade nacionais, ou sobre o problema da diminuição da taxa de crescimento da produtividade dos EUA e o conseqüente declínio relativo desta economia.

Este é um livro muito importante pelo estudo da produtividade dos EUA e dos principais países industrializados, durante um longo período histórico – nos últimos cem anos, pelas conclusões daí retiradas e pela projecção feita para os próximos 30 anos.

Os espectros da diminuição da taxa de crescimento da produtividade, fenómeno “recente”, iniciado nos anos 60; da desindustrialização, associado ao aumento relativo da importância do sector terciário, em termos da quantidade total de emprego e do

PIB; da perda de competitividade das indústrias norte-americanas no mercado mundial, como resultado das taxas de crescimento da produtividade do trabalho que, desde a II Guerra Mundial têm sido quase sempre inferiores às verificadas em países como o Japão, a França, a ex-RFA, a Itália ou a Suécia, são os problemas que têm impulsionado o debate sobre o crescimento económico de longo prazo entre os historiadores económicos.

Os autores começam por analisar a evolução da taxa de crescimento da produtividade (PIB por hora de trabalho) nos últimos cem anos, concluindo que ela diminuiu a partir dos anos 60 (passou de, aproximadamente, 4%, nos anos 50, para 2% em 1979 e 1,3% em 1984). Contudo, esta diminuição deve ser entendida como normal porque foi um regresso à taxa de crescimento média dos últimos cem anos, situada nos 2%, e não uma diminuição para além do seu "valor histórico", e porque o mesmo se passou em virtualmente todos os países. A própria queda verificada nos anos 80, escrevem os autores, pode ser justificada pela evolução do ciclo económico, notando-se indícios de recuperação no final dessa década.

Os receios de uma eventual diminuição da produtividade e da competitividade americana não fazem sentido, posto que não há qualquer prova de uma diminuição permanente da produtividade dos sectores que tradicionalmente registavam as mais altas taxas de crescimento, nomeadamente a indústria transformadora que, pelo contrário, teve no período do pós-guerra as taxas de crescimento mais altas. A diminuição da produtividade ocorreu nos sectores em que ela era inicialmente mais baixa.

Outra questão analisada é a hipótese da convergência internacional dos níveis de produtividade nacionais, que sugere que os países inicialmente mais atrasados, ou com níveis de produtividade menores, acabam por igualar o país mais desenvolvido, ou com nível de produtividade maior, os EUA, e, eventualmente, ultrapassá-lo. Este processo económico só é possível devido à constante transferência de novas tecnologias que permite aos países mais atrasados uma

adaptação quase imediata e a aproximação aos níveis de produtividade do país mais desenvolvido. É, assim, esperado que a taxa de crescimento da produtividade dos países mais atrasados seja normalmente mais elevada que a do país inicialmente mais desenvolvido, ou com a taxa de crescimento de produtividade inicialmente mais elevada, e que, à medida que as diferenças se vão esbatendo, estas forças económicas desapareçam.

Para suportar a hipótese do processo de convergência, os autores argumentam que, ao contrário de Schumpeter, o país que desenvolve as novas tecnologias, e que mais tarde as transfere para o país mais atrasado, é o que tem o papel de subordinado em relação àquele que as imita, pois a longo prazo – a análise está orientada nessa perspectiva – qualquer vantagem que resulte do desenvolvimento de uma nova tecnologia é apenas transitória e tenderá a esvanecer-se (Baumol *et al.*, 1991: 100). Neste sentido, são mais importantes as actividades imitadoras do país que importa a tecnologia do que a inovação tecnológica em si mesma, apenas para o processo de crescimento da produtividade relativa entre países.

A convergência é assim um processo económico inevitável tornando inoperante a aplicação de qualquer política económica com o objectivo de a inverter e justifica os dados estatísticos apresentados pelos autores. Há realmente uma diminuição da taxa de crescimento da produtividade dos EUA, sendo inclusivamente ultrapassada, a partir de 1960, por quase todos os países mais desenvolvidos. Contudo, e contrariando a visão pessimista da convergência, os autores apresentam, uma visão optimista da evolução americana, argumentado que, apesar de tudo, a taxa de crescimento da produtividade foi superior à (estatisticamente) esperada caso se verificasse uma hipotética relação de convergência (Baumol *et al.*, 1991: 103), sem, no entanto, responderem a uma pergunta que a simples constatação dos factos sugere: Se a política económica é inoperante, quais foram as causas desta evolução para além do esperado?

Outra visão optimista é apresentada pelos





autores na análise da evolução dos sectores da indústria e dos serviços na economia americana. A tese da desindustrialização, só seria apoiada se tivesse havido um crescimento relativo do emprego nos serviços estagnados (aqueles em que o aumento da taxa de crescimento da produtividade é muito difícil de conseguir) nos EUA. Mas, esta alteração da estrutura do emprego só é indesejável por aí ser oferecida uma baixa remuneração ou se impedir o crescimento da produtividade no conjunto da economia. Contudo, a haver desindustrialização, ela teria como causa a diminuição da produtividade na indústria a par da perda de competitividade no mercado internacional e a consequente transferência para o sector dos serviços, o que é o contrário do que se verificou na economia americana. A transferência de emprego para os serviços estagnados, resultante da diminuição da produtividade; a subida do preço relativo dos produtos produzidos pelos serviços estagnados; e o aumento da produção dos serviços estagnados, avaliada a preços correntes, na produção total, enquanto a preços constantes se manteve inalterável, reforçam a rejeição da tese da desindustrialização e a aceitação de uma outra tese que justifica estas alterações da estrutura de emprego e produção pelo aumento do custo dos sectores estagnados.

Outro ponto importante do livro assenta nas lições a retirar para os países menos desenvolvidos, que além de ainda não terem conseguido a entrada no clube da convergência, constituído pelos países da OCDE, viram o seu atraso aumentar, pois a produtividade apesar de ter crescido, continua ainda a registar taxas inferiores às dos países mais ricos. Os autores estudaram o papel da educação no processo de convergência e chegaram à conclusão que países com níveis de educação idênticos convergiram entre si em termos de PIB *per capita*, mas não convergiram para os países que, pelos seus níveis educacionais, obtiveram maior crescimento do PIB *per capita*.

No último capítulo, são estabelecidas as políticas económicas para os próximos 30 anos, necessárias para o crescimento da produtividade e do produto *per capita* que permitam aos EUA manter-se à frente no

clube dos mais desenvolvidos, evitando o atraso relativo. Para isso, segundo os autores, será necessário que a taxa de crescimento da produtividade seja 1% mais elevada do que a taxa de crescimento verificada nos últimos cem anos, isto é, 2,27%. As políticas económicas são o investimento, o reforço das políticas de investigação e desenvolvimento, o reforço da capacidade industrial baseada na imitação de tecnologias desenvolvidas noutros países e na procura de políticas que promovam o crescimento da produtividade, base da economia real. Por último, mas não menos importante, a educação.

O livro promove assim uma visão optimista do passado, por a evolução, nos EUA, ter suplantado o esperado, e uma mensagem optimista para o futuro, porque é possível continuarem a ser o país com maior crescimento da produtividade. Paraphraseando o autor, cabe aos americanos levar a cabo tal tarefa, que não é de todo impossível.

Luís Peres Lopes